

The background of the entire page is a photograph of a wall. The wall has a light beige or off-white color, but it is heavily distressed. There are numerous irregular patches where the paint has peeled away, revealing a darker, brownish-grey substrate underneath. The peeling is most prominent in the upper right and lower right areas. In the center of the image, there is a large, soft shadow cast by a piece of fabric that has been draped over the wall. The shadow is a darker shade of the wall's color and shows the folds and curves of the fabric. In the top left corner, the text 'nara roesler' is enclosed in a thin black rectangular border.

nara roesler

daniel senise

verônica

curadoria luis pérez-oramas

nara roesler são paulo

abertura 20 de agosto

exposição 20 ago – 1 out, 2022

O conjunto de obras de Daniel Senise reunido em *Verônica* articula-se em torno de três corpos diferentes de imagens: aquele dos grandes formatos feitos a partir de monotípias de superfície – transferências de paredes desbotadas, rastros da ação do tempo sobre elas – em que são mostrados os espaços emblemáticos de grandes museus, frequentemente com suas obras apagadas; um conjunto de obras feitas em técnica semelhante, onde são reproduzidas também como ruínas murais várias imagens de sudários, a *Vera Icona*; por fim, a ampliação fotográfica de reproduções de obras-primas infectadas, corroídas pelo tempo e elementos, extraídas de dispositivos que acompanhavam antigas publicações de história da arte.

Trata-se, então, de uma reflexão ambiciosa sobre o lugar da imagem – também sobre o lugar da pintura – que condiz com o trabalho que Senise tem realizado nos últimos anos.

Muitos são os lugares da imagem – ou foram. Por exemplo, acredita-se que, hoje, o lugar é virtual, digital, a selva de aplicativos, a *world wide web* com as suas redes sociais e, portanto, pode-se pensar, também, que o lugar da imagem continua a ser, talvez mais do que nunca, uma coordenada – se

diferente, mais brutal – de desaparecimentos: o apagamento pela multiplicação, a morte por saturação.

Outros lugares para a imagem são aqueles das antigas musas: O *Museum*, o museu e os velhos livros de história da arte que continham, como bônus, dispositivos com as imagens comentadas nos textos. Esses livros traziam a imagem portátil, portátil e projetável.

Pensemos no Museu tal como Senise (mal) nos deixa ver: esses quadros são, com certeza cerimonial, representações de espaços quase sagrados. Neles Daniel Senise nos mostra seu repertório de Museus, parecem tocados por uma certa nostalgia. As obras de Daniel Senise podem sugerir que talvez tenha chegado a hora de empreender a recapitulação do que tem sido o museu, a arte, o lugar das imagens.

Junto a esses impressionantes frisos onde se apagam suavemente, liricamente, como a música na qual as imagens se afastam de seu lugar – a imagem do museu – Senise produziu outra série de frisos-pinturas, de paredes em cuja epiderme ferida revela-se a imagem desaparecida, a ilustre

mancha branca da famosa Verônica, a *Vera Icona*. Contudo, nos quadros de Senise, assim como as obras se ausentam do museu e reduzindo-se a ser branco sobre branco, nestas Verônicas só resta o manto, também branco, onde estava o rosto de Cristo, agora desaparecido.

Pode-se argumentar que a primeira imagem, a imagem guia, ou matriz de todas as imagens, é o sudário na qual se observa a mancha do rosto de Cristo, venerado durante séculos por multidões, incessantemente reproduzido e invejado por reis e sacerdotes. Trata-se de uma imagem feita sem intervenção da mão humana, de uma relíquia potente, taumatúrgica, milagrosa, curativa, apotropaica, ao menos no contexto da iconologia cristã. Seus efeitos, como guia ou matriz, chegam a Malevich, cujo quadrado negro evoca o lugar cultural desta imagem.

Prodigiosamente, Senise representou suas Verônicas como muros descascados, como paredes em ruínas, como frisos desbotados. Assim, a pintura ativa sua potência emergente e oferece sobrevivência à temporalidade mais antiga – e esquecida – de onde advém essa imagem arquetípica. Pois a imagem feita sem intervenção

da mão humana, foi também, em seu mais antigo culto, em sua origem lendária, uma imagem na parede, uma mancha em um friso. Conta-se que, enviada pelo próprio Cristo, para curar o rei Agdar, ela foi conservada como um tesouro, enterrada na parede, cuja espessura foi atravessada, ficando impressa em sua epiderme mural. Da mesma forma, Daniel Senise a representa em seus quadros recentes.

Pode-se pensar que unem-se, nesta mostra, os dois lugares da imagem – o recinto das musas, o museu, e o arquétipo de uma imagem absoluta, entre o visível e o invisível. Talvez, o que esse conjunto de obras extraordinárias venha a sugerir, e que se faz confirmar pelas reproduções ampliadas de dispositivos de obras devoradas pelo tempo naquela outra coordenada portátil, portadora da imagem – o livro de sua história –, é que o lugar da imagem nada mais é do que o abismo desbotado de sua perda, a ruína branca na qual ela resiste pela duração de seu desaparecimento.

—Luis Pérez-Oramas

Sem título (Galeria
dell'Accademia), 2022
técnica mista sobre alumínio
350 x 300 cm



*Sem Título (Tate Modern's
Switch House), 2021*
técnica mista sobre alumínio
150 x 300 cm





*Sem título (Richter at
Dia Beacon), 2022*
técnica mista sobre alumínio
150 x 250 cm





Sem título (*The Frick
Collection*), 2022
técnica mista sobre alumínio
150 x 300 cm





*Sem título (Guggenheim
Museum), 2022*
técnica mista sobre alumínio
150 x 330 cm





Sem título (Dia Art Foundation), 2021
técnica mista sobre alumínio
150 x 276 cm





Sem título (*National
Gallery (London)*), 2020
técnica mista sobre alumínio
150 x 220 cm





Sem título (Louvre), 2022
técnica mista sobre alumínio
150 x 300 cm



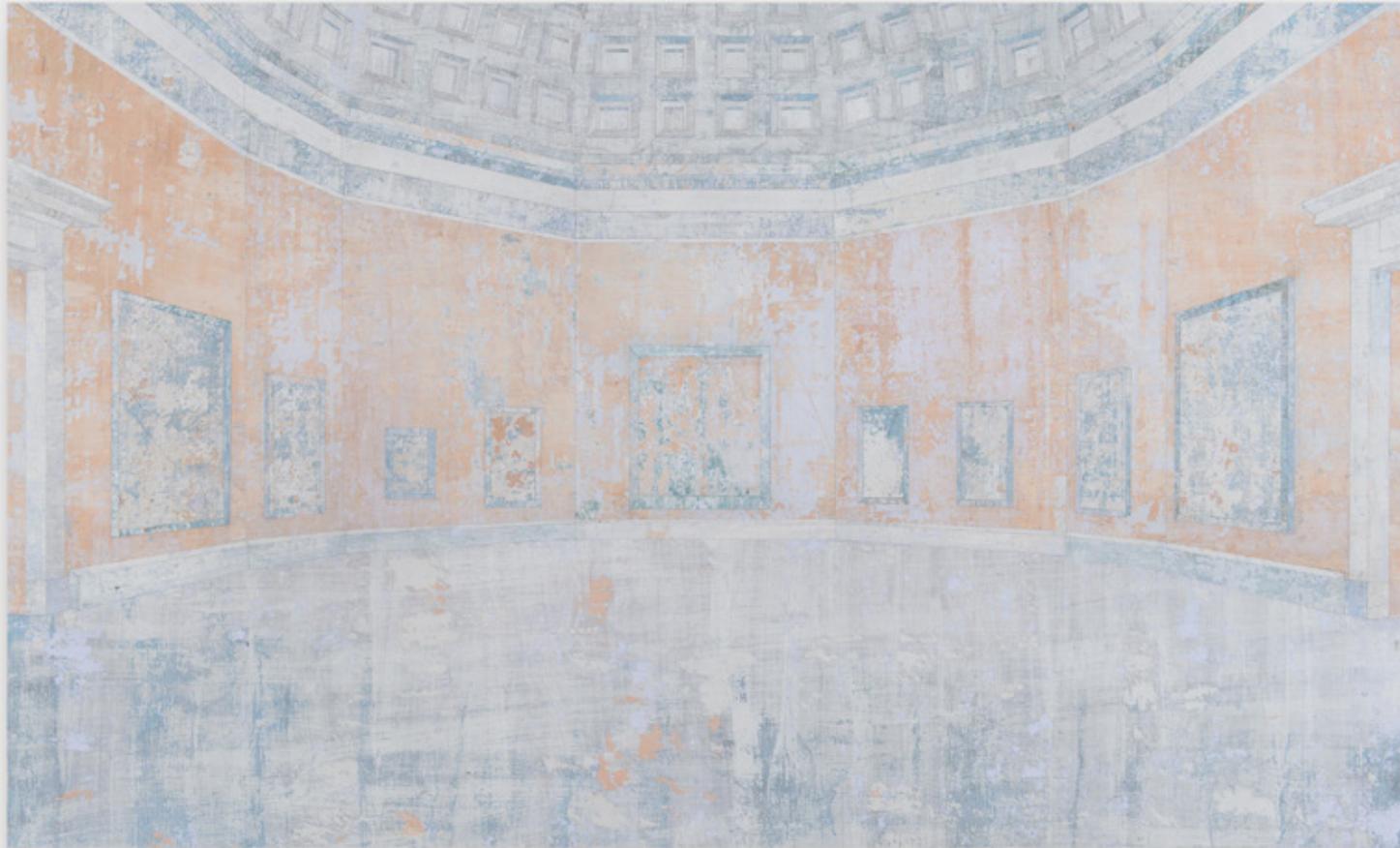


*Sem título (Museum für
Gestaltung Zürich), 2020*
técnica mista sobre alumínio
150 x 300 cm





Sem Título (Museo Nacional del Prado), 2020
técnica mista sobre alumínio
150 x 250 cm





Verônica (Zurbaran), 2022
técnica mista sobre alumínio
180 x 150 cm



Verônica (*El Greco*), 2022
técnica mista sobre alumínio
180 x 150 cm





Verônica (Hans Memling), 2022
técnica mista sobre alumínio
180 x 150 cm







Rembrandt
*(Self-portrait Bare-headed
with Gold Chain)*, 2022
impressão sobre vinil adesivo
61 x 48,1 cm



daniel senise

n. 1955, rio de janeiro, brasil, onde vive e trabalha

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

exposições individuais selecionadas

- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
- Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México (1994)
- Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas

- *3ª Bienal de Coimbra*, Portugal (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Os muitos e o um: arte contemporânea brasileira*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2016)
- *Las Américas Latinas – Las fatigas del querer*, Spazio Oberdan, Milão, Itália (2009)
- *18ª, 20ª, 24ª, 29ª Bienais de São Paulo*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil (1985, 1989, 1998, 2010)
- *44ª Bienal de Veneza*, Itália (1990)

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art